

“O VELHO E O MAR” COMO INSPIRAÇÃO PARA UM MAR DE HISTÓRIAS DE UM PESCADOR

Francine Nogueira Lamy Garcia Pinho (PESCARTE e UENF)

francinepinho@hotmail.com

Arthur Nogueira Garcia Pinho (PESCARTE e UFES)

arthur.pinho@edu.ufes.br

RESUMO

Uma das obras mais conhecidas de Hemingway, “O Velho e o Mar” narra a epopeia de um velho pescador o qual na luta para provar que ainda é capaz, encontra-se com um peixe colossal e precisa ultrapassar os seus limites para conseguir pescá-lo. O livro é utilizado como fonte de inspiração para guiar a narrativa das aventuras e desventuras enfrentadas por pescadores artesanais residentes do norte fluminense ao longo de sua longa vida. Utiliza-se da técnica de coleta de dados da história oral de vida com o objetivo de traçar as semelhanças entre a ficção e a realidade da vida na pesca artesanal. Ressalta-se que o trabalho é resultado de pesquisa financiada pelo Projeto de Educação Ambiental (PEA) Pescarte, que é uma medida de mitigação exigida pelo Licenciamento Ambiental Federal, conduzido pelo IBAMA.

Palavras-chave:

Ernest Hemingway. Pesca Artesanal. “O Velho e o Mar”.

RÉSUMÉ

« Le Vieil et la Mer », une des œuvres les plus connues d’Hemingway, est une épopée qui raconte les aventures d’un vieux pêcheur qui, s’efforçant de prouver qu’il est encore capable de pêcher, rencontre un poisson colossal et doit aller au-delà de ses limites pour réussir à le pêcher. Le roman est source d’inspiration dans la narration des aventures et mésaventures vécues par les pêcheurs artisans du norte fluminense au cours de leur longue vie. On a recours à la technique de collecte des données orales de l’histoire de vie, avec pour objectif de dégager les ressemblances entre la fiction et la réalité de la vie dans la pêche artisanale. On rappellera que l’étude est le résultat d’une recherche financée pour le projet d’éducation pour l’environnement (PEA) Pescarte, qui est une mesure d’éclaircissement ordonnée par le Licenciamento Ambiental Federal (*organisme d’agrément pour l’environnement fédéral*), dépendant de l’IBAMA.

Mots clé:

Ernest Hemingway. La pêche artisanale. « Le Vieil et la Mer ».

1. Introdução

É preciso ter cuidado para se observar uma obra literária de modo a compreender como ela pode refletir um esboço da sociedade vivenciada pelo seu autor. Deve-se ressaltar, no entanto, que a realidade literária está

profundamente interligada à percepção de quem a escreveu (CANDIDO, 2006, p. 30). Com base neste raciocínio, é possível perceber a influência do meio social vivido por Ernest Hemingway (1899–1961) para escrever seu livro “O Velho e o Mar no começo da década de 1950, quando com vivia em Cuba e convivia com pescadores. É bem certo que, como destaca Chartier (2000, p. 197), é preciso perceber os textos como “resultado de uma negociação ou transações entre a invenção literária e os discursos ou práticas do mundo social” com os quais o autor lida cotidianamente e se utiliza para dar forma ao que escreve.

Ernest Hemingway foi um escritor norte-americano que atingiu e ainda atinge um público muito grande. Foi ganhador do Prêmio Pulitzer com o livro “O Velho e o Mar” e foi laureado com o Prêmio Nobel de Literatura em 1954 pelo conjunto de suas obras. Dotado de uma escrita característica, com “seu estilo clássico, despojado de adjetivos, é nítido e direto. Enfatiza o diálogo mais que a descrição, as sensações mais que os pensamentos”¹ (MORTERA, 1987, p. 60 – tradução dos autores).

Nessa obra que lhe rendeu o Nobel, o escritor traz à tona a epopeia vivida pelo personagem Santiago, um velho pescador, experiente e já cansado, em busca de provar – para sua comunidade e para si mesmo – que ainda é um bom pescador, parece bem significativa do ambiente que Hemingway presenciava durante sua criação. Da mesma forma, diversas análises de estudiosos da literatura e das obras de Hemingway apontam para essa narrativa como uma metáfora com diversas simbologias dentro de uma história simples (Cf. LUNA, 2018).

Este ensaio é um excerto de uma pesquisa mais ampla que considera a história oral de vida de pescadoras e pescadores artesanais na tentativa de resguardar as memórias desses sujeitos, em especial os mais velhos e pôr em evidência a interpretação deles a respeito do seu ambiente social.

Longe de simplesmente refletir o social, o indivíduo coloca-se como polo ativo face a esse mesmo social, dele seapropriando, filtrando-o, retraduzindo-o e projetando-o em uma outra dimensão, que é a de sua própria subjetividade. Cada indivíduo representa a reapropriação singular do universo social e histórico que o circunda. E é por isto mesmo que se pode conhecer o social partindo da especificidade irredutível de uma prática individual. (PEREIRA, 2000, p. 121)

¹ Texto original: “Su est ilo clasico, desnudo de adjetivos, es punzantey directo. Enfatiza el dialogo más que la descripción, las sensaciones más que los pensamientos” (MORTERA, 1987, p. 60).

Ressalta-se que se escolheu utilizar a palavra *velho* com base no campo conceitual advindo da memória social, em especial da autora Ecléa Bosi (1979) em sua obra *Memória & sociedade: lembrança de velhos*. A autora defende o termo e acredita na possibilidade infinita de conhecimento por meio das memórias colhidas de quem já viveu mais tempo. A professora e socióloga Marilena Chauí, na apresentação da obra de Bosi, defende que os velhos são “a fonte de onde jorra a essência da cultura, ponto onde o passado se conserva eo presente se prepara” (CHAUÍ, 1979, p. XVIII).

Essa fonte de informações a respeito do passado, trazida por meio de entrevistas gravadas e autorizadas pelos sujeitos, foram colhidas no âmbito do Projeto de Educação Ambiental Pescarte no ano de 2018 pela linha de pesquisa conduzida pelo Professor Giovane do Nascimento. O PEA Pescarte é um projeto advindo de uma medida de mitigação exigida pelo Licenciamento Ambiental Federal, conduzido pelo IBAMA.

O uso do termo *velho* possibilitou uma maior identificação com a obra “O Velho e o Mar”, de Hemingway, o qual o utiliza na maior parte do texto para se referir ao personagem Santiago e assim tentar delinear as semelhanças entre os relatos de três velhos pescadores da região dos lagos fluminense e a vida do velho pescador Santiago, de Hemingway.

2. Amizade e aprendizado: o saber dos mais velhos e a força dos mais novos

A história do velho pescador Santiago e do seu amigo, o garoto Manolin, passa-se em cerca de quatro dias da vida dos dois protagonistas. Apesar de Manolin aparecer somente no começo do livro e no seu fim, a presença do garoto se faz pela voz de Santiago, o qual em diversos momentos da trama evoca: “Gostaria tanto que o garoto estivesse aqui...” (HEMINGWAY, 2014, p. 60). A relação de amizade entre os dois é manifestada ao longo do livro: “Pescar mata-me tal como me faz viver. O garoto é que me mantém na vida” (HEMINGWAY, 2014, p.105).

Alguns trechos do livro evidenciam a relação de amizade que era tecida entre os dois, Santiago e Manolin (Cf. HEMINGWAY, 2014):

O velho ensinara o garoto a pescar e por isso ele o adorava (p. 14);
Lembro-me muito bem – tornou o velho – E sei que no período de má sorte você não me abandonou (p. 14);
Lembro tudo desde que saímos juntos pela primeira vez (p. 16);

Disse o garoto – Fique sabendo que, enquanto eu for vivo, você não irá à pesca ser comer. Então viva muito tempo e trate de sua saúde – redarguiu o velho (p. 23).

Que vá! – exclamou o garoto – Existem muitos pescadores bons e alguns mesmo ótimos. Mas como você não há nenhum. (p. 26).

Os leões brincavam na areia como gatinhos e ele os amava tal como amava o garoto (p. 28).

A narrativa das memórias de velhos pescadores, trazidos à tona nesta pesquisa por meio de entrevistas recolhidas na região dos Lagos do Estado do Rio de Janeiro, constrói histórias que em muito se assemelham ao episódio da vida do pescador criada por Hemingway. Aventuras, desventuras, a ligação com o mar, com os animais e com os mais jovens. Foram analisadas três entrevistas. Os nomes dos três pescadores entrevistados serão preservados e se utilizará as denominações: Pescador 1, Pescador 2 e Pescador 3 para se referir às suas falas.

De acordo com Alberti (2013, p. 24), a história oral “é um método de pesquisa (...) que privilegia a realização de entrevistas com pessoas que participaram de (...) acontecimentos, conjunturas, visões de mundo” que acaba por produzir uma fonte de pesquisa para outros estudos a respeito de determinados momentos sociais e históricos “à luz de depoimentos de pessoas que deles participaram”. A importância da história oral neste estudo se afirma no contexto de proporcionar o conhecimento da situação social de pescadoras e pescadores no litoral fluminense ao longo do tempo. Esta modalidade de estudar as trajetórias de vida, dentro da história oral, permite uma “leitura social com aporte de múltiplos construtos”, para se projetar uma ideia da realidade “viva, histórica e coletiva” (GONÇALVES; LISBOA, 2007, p. 91).

A afirmação de Santiago – “pode ser que eu não esteja tão forte como penso – admitiu o velho – mas conheço todos os truques e não me falta decisão” – reflete o processo de reunião de saberes que somente estará presente na vida humana após uma longa jornada de vida. Neste caso, o Pescador 1 afirma o “que me mantém vivo é trabalhar. E divertir, contando histórias. Contar histórias é remédio e conforto pra mim”. Ele acrescenta que as pessoas vão a sua casa para lembrar e saber as histórias passadas, além de aprender como se faz redes.

Um pescador que faz rede, uma tarrafa, é tudo matemática! Tá tudo aqui![sinaliza apontando para a cabeça]. É muito melhor que aquela comprada na loja. Mas eu levo um ano pra fazer uma rede! E a minha rede dura dez anos. Vale a pena, não é? Mas as pessoas, muitas vezes, não dão valor (PESCADOR 1).

O Pescador 1 diz que ajudou a construir a cidade em que mora e que naquele tempo passado, quando ele era jovem, não havia nem luz elétrica, “mas a gente enxergava no escuro. Tinha a sabedoria de entender quem vinha lá andando, por causa do jeito de andar”. Na história de Hemingway, o velho Santiago afirma “antigamente eu também via bastante no escuro. Não numa escuridão completa, naturalmente. Mas quase tão bem como um gato” (HEMINWAY, 2014, p. 69).

Os três pescadores das entrevistas consultadas afirmaram com naturalidade e veemência que o aprendizado na pesca e na vida vem dos mais velhos. O Pescador 1 diz que aprendeu esse ofício com “com seu pai e com os antigos” e afirmou que, sempre que pode, ensina o que sabe aos “novos”. O Pescador 2 aprendeu a fazer barco e a pescar com dois senhores atualmente falecidos que “eram muito bom no que faziam” (PESCADOR 2). “Eu faço isso porque eu gosto. Só eu que faço agora aqui! Uma vez eu ensinei um menino, que aprendeu com uma semana!” Mas ele relata que não consegue ajuda governamental para ensinar outros, o que ele tem vontade de fazer: “uma escola de barcos para ensinar as crianças”.

Um fato interessante e surpreendente é saber que o Pescador 2 continua trabalhando. Seus dias de pesca e construção de barcos, “partindo do zero”, já não são possíveis, mas o trabalho no conserto de barcos continua mesmo tendo perdido quase completamente a visão há dezoito anos. “Faço tudo no tato hoje em dia” (PESCADOR 2). O processo de envelhecimento traz algumas limitações físicas que apregoam mudanças no cotidiano das pessoas. Ressalta-se que a necessidade de preservar estes conhecimentos primorosos e especializados também motivam os pescadores observados nas entrevistas. O Pescador 3 relatou que “toma nota” do que sabe para lembrar depois. Este processo de resistência e adaptação aos “ditames da vida” (MEDEIROS, 2018, p. 1079).

Memórias e histórias de vidas se entrelaçam nas falas dos pescadores aqui analisadas, como assim se percebe junto às narrativas expressas pelo icônico personagem de Hemingway.

2. A vivência e a convivência com seu lugar de origem

As memórias do Pescador 1 em relação ao lugar onde mora são de

um lugarejo pequeno, com poucas pessoas, sem luz elétrica, nem água tratada e que faziam suas comidas no fogão a lenha. O peixe era salgado e levado por burros para vender. De acordo com seu relato, os atravessadores levavam cinco dias para retornar e pagar os pescadores pelo peixe salgado. Ele se lembrou saudoso de um tempo em todos se conheciam e respeitavam. “Agora muita gente é de fora e não conhece a gente” (PESCADOR 1). De acordo com ele, antigamente as pessoas que lá viviam só podiam viver da pesca.

Não tinha outra profissão, a não ser pescaria. Meu pai era pescador e minha mãe era salgadeira de peixe. As mulheres eram rendeiras ou salgadeiras de peixe! A minha mãe era uma das salgadeiras. A não ser quando a pescaria era ruim, aí minha mãe ia lá em cima no morro, tirar lenha para vender e dar de comer a gente. Tudo tem seu saber (PESCADOR 1).

Os velhos pescadores relataram sua ligação com os modos de viver do seu local de nascimento. Os seus saberes são localizáveis e eles procuraram nas entrevistas mostrarem sua identificação social e a necessidade que tiveram, com o passar dos anos, de se adaptarem às mudanças provocadas pela modernização de sua cidade (Cf. NASCIMENTO *et al.*, 2019). O Pescador 1 afirmou: “sou relíquia do [nome do lugar] todo hoje em dia”, pois poucos agora fazem suas redes, preferem comprar, segundo ele.

Já o Pescador 2 lembrou que os pescadores artesanais eram muitos há um tempo e que eles tratavam a pesca com muito respeito: “Não se entrava calçado dentro de uma canoa”. Com reticência ele disse que atualmente ele não vê a mesma união daqueles que permaneceram na pesca e que apesar de “antes ser mais dificultoso, era melhor antigamente”.

O Pescador 3 lembrou com carinho da mãe que fazia renda de bilro, uma arte muito requintada de produzir rendas e mostrou um dos objetos utilizados por ela que ele guardou. Essa memória é muito importante para a continuidade da identidade pessoal e coletiva. A construção da identidade, afirma Pollak (1992, p. 204), “é um fenômeno que se produz em referência aos outros, em referência aos critérios de aceitabilidade, de admissibilidade, de credibilidade”.

De acordo com Le Goff (1996, p. 423) a memória pode ser entendida como um “conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas”. O velho pescador Santiago se remetia às

memórias de quando era jovem e viu os leões na costa africana. Essas memórias faziam parte da construção de sua identidade e de um período no qual ele era jovem e se sentia mais capaz. Sonhar com os leões todas as noites fazia o personagem se sentir “feliz e confortado” (HEMINGWAY, 2014, p. 81). Essas lembranças da juventude parecem causar conforto também nos relatos dos pescadores entrevistados e analisados neste estudo.

3. Considerações finais

Esta breve análise procurou mostrar algumas semelhanças entre a história do velho pescador Santiago, de Ernest Hemingway, e as histórias acessadas por meio das memórias de alguns velhos pescadores artesanais brasileiros. A pesca artesanal pode ser uma grande fonte de inspiração para a narrativa literária, pois envolve muitos simbolismos e se caracteriza por ser uma atividade que exige uma dedicação intensa dos envolvidos. E as narrativas que emanam das falas memorialísticas dos pescadores e pescadoras evidenciam o quão ricas são as lembranças destes frente à vida que enfrentam e enfrentaram junto ao mar.

O processo natural de envelhecimento, suscitado no texto e aqui retomado pelas escolhas dos entrevistados, traz consigo a necessidade de estar no mundo de forma diferente. Lidar consigo mesmos e com as limitações que se impõem fisicamente com o passar dos anos exige a formação de uma sabedoria ampla em relação às ações e ao próprio trabalho (MEDEIROS, 2018). Esta sabedoria e a possibilidade de ensinar uma arte aprendida em anos são aqui celebradas tanto na ficção como na realidade dos pescadores estudados.

De acordo com Jairo Luna (2018), a história de “O Velho e o Mar” é cheia de representações, podendo ser considerado uma alegoria que busca “colocar em evidência de forma concreta no peixe, no barco, no pescador, nos tubarões representações de elementos abstratos como humildade, vontade, perseverança, castigo, remissão e vitória” (LUNA, 2018, p. 19). Hemingway conviveu neste ambiente e a escolha destes elementos para representar uma ideia simbólica de luta pela vida – se esta foi a intenção do autor – é muito rica, tamanha a riqueza e vastidão de matéria prima para a imaginação literária que existe na pesca artesanal.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALBERTI, Verena. *Manual de História Oral*. 3. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2013.
- BOSI, Ecléa. *Memória e Sociedade: memórias de velhos*. São Paulo: TAO, 1979.
- CANDIDO, Antonio. *Literatura e Sociedade*. 9. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006.
- CHARTIER, Roger. Literatura e História. *Topoi Revista de História*. v. 1. n. 1. jan-dez, 2000. p. 197-216. Disponível em <http://revistatopoi.org/site/topoi1/>. Acesso em 26 nov 2021.
- CHAUÍ, Marilena. Apresentação. In: BOSI, E. *Memória e Sociedade: memórias de velhos*. São Paulo: TAO, 1979. p. XVII-XXXII.
- GONÇALVES, Rita. C.; LISBOA, Teresa K. Sobre o método da história oral em sua modalidade trajetórias de vida. *Rev. Katálysis*, v. 10 n. esp. p. 83-92, Florianópolis, 2007
- HEMINGWAY, Ernest. *O Velho e o Mar*. 83. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2014.
- LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. Campinas: UNICAMP, 1996.
- LUNA, J. N. Os velhos marinheiros, de Jorge Amado e o velho e o mar, de Hemingway: narrativas simbólicas do mar. *Literatura e Sociedade*, 22(24), 10-26. 2018. Disponível em <https://doi.org/10.11606/issn.2237-1184.v0i24p10-26>.
- MEDEIROS, Márcia. Envelhecimento e resiliência na literatura: um estudo de *O velho e o mar*, de Ernest Hemingway. *Saúde e Sociedade*, v. 27, n. 4, p. 1071-80, São Paulo, 2018.
- MORTERA, Teresa M. Ernest Hemingway: su obra y su tiempo. *Ensayos: Revista de la Facultad de Educación de Albacete*. n. 1, p. 51-63, UCLM, Albacete, Espanha. 1987. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10578/2374>. Acesso em: 26 nov 2021.
- NASCIMENTO, Giovane do; CHAVES, Clara M.G.; RIBEIRO, Natália S.; HELENA, Lourença. Da rede à mesa, da madeira ao barco, da pesca ao Ser. In: TIMÓTEO, G.. *Percarte: arte e vida, trabalho e poesia*. Campos dos Goytacazes: EdUENF, 2019.

PEREIRA, Lígia M.L. Algumas reflexões sobre histórias de vida, biografias e autobiografias. Revista *História Oral*, 3, p. 117-27, 2000.

POLLAK, Michael. Memória e Identidade social. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, 1992, p. 200-12. Disponível em <https://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/1941/1080> acesso em 28 nov 2021.